

FRANCINEIDE DANTAS DOS SANTOS

A HIERARQUIZAÇÃO SOCIAL COMO SILENCIADOR DE FABIANO EM *VIDAS*
SECAS, DE GRACILIANO RAMOS

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras / Língua Portuguesa.

ORIENTADOR (A):

Me. Gleison Carlos Souza de Moraes.

PATU

2018

S237h Santos, Francineide Dantas dos

A hierarquização social como silenciador de Fabiano em Vidas Secas, de Graciliano Ramos. / Francineide Dantas dos Santos. - Patu/RN, 2018.

39p.

Orientador(a): Prof. Me. Gleison Carlos Souza de Morais.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Fabiano. 2. Silêncio. 3. Silenciamento. I. Morais, Gleison Carlos Souza de. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

FRANCINEIDE DANTAS DOS SANTOS

A HIERARQUIZAÇÃO SOCIAL COMO SILENCIADOR DE FABIANO EM *VIDAS SECAS*, DE GRACILIANO RAMOS

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras / Língua Portuguesa

Aprovado em ____ / ____ / ____

Banca examinadora

Gleison Carlos Souza de Moraes - UERN
Orientador

Annie Tarsis Moraes Figueiredo – UERN
Examinadora 1

Beatriz Pazini Ferreira – UERN
Examinadora 2

Dedico este trabalho à minha filha Thamires Dantas de Oliveira Godeiro, ao meu filho Thiago Dantas de Oliveira Godeiro, ao meu esposo Michael Cipriano de Oliveira e a todos os meus familiares e amigos. Sem vocês em minha vida eu não conheceria a palavras FELICIDADE.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que deu-me coragem e determinação para vencer todos os obstáculos nessa jornada acadêmica e sabedoria nas horas difíceis, quando pensava em desistir.

À minha família que tanto amo que me apoiou de maneira fundamental para a realização deste sonho. Obrigada pelo incentivo nas horas de grande indecisão e incertezas na continuação da graduação. Eu poderia ter desistido, mas vocês foram a base que me manteve firme e forte até o fim.

Agradeço a todos os professores que ajudaram-me a avançar e subir a cada degrau dessa caminhada, até o último, em especial ao professor Dr. Ananias Silva, que tive o privilégio de ter compartilhado seus ensinamentos nos primeiros semestres consecutivos da academia. Entre puxões de orelha e risos, suas aulas eram estimulantes e cheias de calor humano. Obrigada pelas palavras de motivação que me levaram adiante.

Agradeço também à professora Ma. Larissa Viana, pela oportunidade de ter participado das aulas de literatura mais incríveis. Jamais esquecerei a emoção que emanava nas nossas primeiras discussões literárias, não tínhamos noção do passar das horas, elas voavam em meio ao sentimento de encantamento.

À professora Annie Figueiredo, responsável por continuar a nossa trajetória literária no curso de maneira magnífica. Obrigada pelas palavras incentivadoras e por sempre estar disposta a ajudar de alguma forma.

Ao professor Gleison Carlos, por ter aceitado o convite para ser meu orientador deste árduo trabalho e acreditar na realização dessa monografia.

Não poderia deixar de agradecer também à professora de Seminário de Monografia II, Ma. Luciana Nery, pelas colaborações e instruções fundamentais para esse momento. Obrigada pela compreensão e ajuda.

À todos os funcionários que formam o CAP / UERN, sempre disponíveis para ajudarmos e todos os colegas da classe e, em especial, Suely Estebam, Lana Suianna, Ana Cristina, Michael Luiz e Magnólia, foi uma satisfação vivenciar os desafios deste curso ao lado de vocês, nosso grupo era só paz e amor.

A colega, e também filha de coração, Lara Rocha, por todo carinho, atenção e companheirismo. Obrigada por tudo.

De modo especial, agradeço também aos professores que aceitaram e se disponibilizaram para compor minha banca para defesa desta monografia, trazendo suas contribuições para a pesquisa desenvolvida.

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxaguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.

Graciliano Ramos, *Memórias do Cárcere* (1953).

RESUMO

A finalidade deste trabalho é buscar analisar a personagem Fabiano, da obra regionalista da década de trinta, escrita por Graciliano Ramos, *Vidas secas* (1947), a partir das particularidades pessoais e sociais que tornam o vaqueiro um homem silencioso, de poucas palavras. Assim, desejamos discutir a maneira como a sociedade, hierarquizante e opressora, contribui para o silenciamento de Fabiano, um sujeito que não desenvolveu o necessário domínio sobre as palavras e acaba não se sentindo bem diante delas, enfatizando como a situação econômica subordinada os menos favorecidos. E, ainda, como a personagem, mesmo não falando muito, conduz a sua família com muita sabedoria. Dessa forma, nosso aporte teórico se constitui a partir, principalmente, dos estudos referentes ao silêncio segundo Eni Puccinelli Orlandi (2007), para tratar do silêncio dentro da obra *Vidas secas* nos baseamos na pesquisa de Holanda (1992) e, no que concerne ao estudo da dominação social, tomamos por essencial as contribuições de Bourdieu (2012). O objeto de análise deste trabalho será a obra *Vidas secas* (1947), mais particularmente, a personagem Fabiano dentro do seu meio social que o oprime, o subordina e o silencia, enfatizando as consequências de uma sociedade hierárquica desumana. Almejamos que, com este trabalho, possamos contribuir para a realização de novas pesquisas sobre o regionalismo de trinta da literatura brasileira e, com especial atenção, para a escrita particular de Graciliano Ramos, em um olhar crítico sobre o assunto que lhe era familiar e que originou a obra atemporal *Vidas secas*, que mesmo tratando uma realidade do sertão nordestino de sua época não deixa de ser contemporânea e significativa para seus leitores.

Palavras-chave: Fabiano. Silêncio. Silenciamento. Sociedade hierárquica. Vidas Secas.

ABSTRACT

The goal of this work is to search and analyze the character, from the regionalist work of the thirties, written by Graciliano Ramos, *Vidas Secas (Dry Lives)*, starting from the personal and social particularities that made the cowboy a silent man of few words. Thus, we wish to discuss how society, hierarchizing and oppressive, contributes to the silencing of Fabiano, a guy who didn't develop the necessary mastery over the words and do not feels good before them, emphasizing how the economic situation subordinates the less favored. And yet, how the character, while not speaking too much, leads his family very wisely. In this way, our theoretical contribution is based mainly on the studies related to silence according to Eni Puccinelli Orlandi (2007), in order to deal with the silence in the work *Vidas Secas (Dry Lives)*, based on Holanda's (1992) research and, concerning to the study of social domination, we take as essential the contributions of Bourdieu (2012). The object of analysis here will be the work *Vidas Secas (Dry Lives)* (1947), more particularly the character Fabiano within his social environment that oppresses, subordinates and silences him, emphasizing the consequences of an inhuman hierarchical society. We hope that, with this work, we be able to contribute to the realization of new researches of the regionalism of thirties' Brazilian literature and, with special attention, to the private writing of Graciliano Ramos, in a critical look on the subject that was familiar for him and originated the timeless work *Vidas Secas (Dry Lives)*, which even treating a reality of the northeastern backlands of its time is still contemporary and meaningful for its readers.

Keywords: Fabiano. Silence. Silencing. Hierarchical society. Dry Lives.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O PODER DO SILÊNCIO	13
1.1 As causas do silêncio	14
1.2 O silêncio da personagem Fabiano no contexto da obra <i>Vidas secas</i>, de Graciliano Ramos	18
2. A HIERARQUIZAÇÃO SOCIAL COMO SILENCIADOR DA PERSONAGEM FABIANO EM <i>VIDAS SECAS</i>, OBRA DE GRACILIANO RAMOS	25
2.1 A força da personagem Fabiano sobre sua família, mesmo diante de seu silenciamento...	25
2.2 A submissão aparente da personagem Fabiano diante dos mais poderosos	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem por tema “A hierarquização social como silenciadora de Fabiano em *Vidas secas* (1947), de Graciliano Ramos” em ocasião de buscar entender o fato desta personagem ser uma pessoa silenciosa, de pouca conversa, que se identifica com os animais, que cuida enquanto vaqueiro, mais do que com as outras pessoas com as quais convive e como esse silêncio aparece como uma consequência da sua inserção em um meio opressor de seus pensamentos e que acaba dificultando os seus momentos de diálogo.

Graciliano Ramos escreve a sua obra *Vidas secas* (1947) inserido no contexto literário brasileiro da década 30, época de ricas produções, marcadas por uma prosa de características neoregionalistas e, assim, de maior proximidade com o leitor, pois apresentava uma linguagem simples, regional e coloquial ao retratar o sofrimento de algumas regiões do Brasil, sobretudo, do Nordeste.

Ao ler-se a obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, depara-se com a personagem Fabiano, o pai de uma família pobre que vive no sertão nordestino devastado pela seca cruel. O que mais chama atenção na personagem é a sua falta de comunicação. Fabiano não estabelece diálogos longos com a família ou com qualquer outra pessoa com quem tenha proximidade, pois não se sente à vontade com as pessoas, convive e se dá melhor com os animais que cuida na fazenda, onde trabalha como vaqueiro.

Com a leitura da obra percebe-se que Fabiano pode ser qualquer um de nós quando somos levados a nos calar diante de situações opressivas. Consequentemente, escolhe-se estudar como a hierarquia social na qual Fabiano está inserido o torna um homem de personalidade forte, porém, de poucas palavras, mas que em seus pensamentos traz a força de enfrentar as dificuldades e lutar pelo melhor para sua família, numa perspectiva de subordinação ao contexto social.

De tal modo, Graciliano conseguiu apontar os problemas sociais e retratar o sofrimento do sertanejo ao enfrentar a seca que desola, maltrata e destrói o Nordeste brasileiro e de como o nordestino precisa ser forte e ter esperança por dias melhores em momentos como esses, através das promessas das chuvas vindouras, desejadas como a solução para transformar este cenário de aflição e trazendo um novo recomeço.

Parte-se da análise dos problemas socioeconômicos que Fabiano apresenta e como estes o tornam um homem silencioso. Primeiro, considerar-se-á algumas noções de silêncio e o quanto pode haver uma grande carga de significação nas palavras omitidas, do silêncio que fala e fala muito a fim de saber o quanto as poucas palavras de Fabiano são capazes de dizer

sobre ele. Seguindo, depois, para o contexto de produção da obra na década de 30 e suas condições de produção em que será considerado como as relações sociais hierarquizantes interferem nesse comportamento silencioso do vaqueiro em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

Dentro desta vertente, o objetivo principal deste trabalho é buscar discutir de que maneira o contexto socioeconômico hierarquizante e opressor acarreta o silenciamento de Fabiano, em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Toda a obra é marcada por poucas conversas entre a família, o que marca o silêncio do pai, que apresenta seus conflitos de pensamentos, mas que não se sente à vontade de falar, pois não desenvolveu bem o uso da linguagem como forma de comunicação e, com isso, buscaremos também analisar como Fabiano se constituiu dessa forma, considerando a sua situação econômica em um meio hierárquico que o oprime enquanto um mero subordinado.

Para tanto, será analisado neste trabalho o poder do silêncio demonstrando suas causas de forma a discutir de maneira pessoal o silêncio da personagem Fabiano dentro do contexto da obra *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, assim como, a força da personagem principal Fabiano sobre o modo como lida com sua família e com os demais que o rodeiam, mesmo com o seu silêncio ele consegue de forma humilde se impor dentro daquele contexto social.

Trata-se de uma pesquisa pautada, principalmente, no conceito de silêncio apresentado por Eni Orlandi (2007), no silêncio referente à obra utiliza-se dos estudos de Holanda (1992), como meio para entender a escrita de Graciliano Ramos, ao criar a personagem Fabiano de maneira crítica para mostrar como a sociedade dominante oprime e subordina os menos privilegiados, causando transtornos comportamentais que afetam no seu modo de viver. Para tratar da questão da dominação social, fundamenta-se na pesquisa de Bourdieu (2012). Portanto, trata-se também uma pesquisa qualitativa, porque busca por percepções e análises acerca da personagem “o vaqueiro e retirante do sertão nordestino” que não se sente bem ao usar as palavras e que, com isso, acaba o configurando como um homem silencioso.

Considerado como um tema relevante para pesquisa, por tratar de um assunto importante para a sociedade, ao tentar mostrar como o poder chega a oprimir as pessoas que não conseguem ser inseridas em sua hierarquia, como é o caso de Fabiano. O contexto social de submissão presente na obra afeta, principalmente, o pai, mas não apenas. Toda a família também sofre com o silêncio de Fabiano e com as consequências de seus modos. Quando não consegue articular a comunicação com o seu patrão, que sempre lhe paga menos do que o estimado.

O primeiro capítulo, discute-se sobre poder do silêncio e as suas possíveis causas, enfatizando como o contexto de hierarquização social atua como silenciador da personagem Fabiano na obra de Graciliano Ramos, diante das adversidades da vida do povo nordestino. Por fim, analisar-se-á o silêncio de maneira exploratória e de forma sucinta para dar um ponto de vista da obra de Graciliano Ramos, no tocante ao silêncio do matuto Fabiano e seu modo de vida no contexto socioeconômico-cultural.

Espera-se com esta pesquisa contribuir com novos estudos sobre Graciliano Ramos e a sua escrita crítica, a retração do regionalismo no nordeste e a força de seu povo que sobrevive em situações de extremo sofrimento e vislumbrando ainda mais a maneira como um sistema hierárquico opressor pode limitar as camadas sociais menos favorecidas, interferindo no modo de ser e de viver das pessoas.

1. O PODER DO SILÊNCIO

Em *Vidas Secas* (1947), Graciliano Ramos procura delimitar uma linguagem que remete aos padrões nordestinos, relatando episódios de miséria e compaixão, comumente descritos na geração literária da década de trinta no Brasil, época em que o regionalismo nordestino ganhou destaque na literatura brasileira, como afirma o crítico Antonio Candido (1987):

[...] 1930 foi a extensão das literaturas regionais e sua transformação (...) cujo âmbito e significação se tornaram nacionais (...). O romance do nordeste (...) com uma liberdade de narração e linguagem antes desconhecida (...); todo o país tomou consciência de uma parte vital, o Nordeste, representado na sua realidade viva pela literatura (CANDIDO, 1987, p.187).

Foi a partir do regionalismo de 30 que aspectos peculiares do Nordeste ganharam visibilidade nacional. Conhecido como o romance do Nordeste, esta época literária, constituiu suas próprias características narrativas através, principalmente, da liberdade de escrita e do uso de uma linguagem simples, cotidiana e, acima de tudo, regional. Mostrou para todo o país a prosperidade de sua maior região em uma literatura que tratou da realidade pura de um povo. Igualmente, a década de trinta, ao tratar de escrita literária exibiu escritores, segundo Acioli (2018), em sua maioria:

Eram regionalistas, essa alcunha tão mal compreendida e que, muitas vezes, desperta a reação de um rótulo que diminui, mas que fortalece e amplia. Um dos pulsos de qualquer literatura nacional está fundamentado justamente na capacidade de falar do próprio chão e de como homens e mulheres andaram, marcharam e caíram sobre ele (ACIOLI, 2018, p. 01).

Para quem não conhecia a profundidade do termo “regionalista”, o entendia como menosprezador ou como uma ofensa. Entretanto, trata-se de um termo engrandecedor dos escritores brasileiros, que bravamente conseguiram falar, através da literatura, sobre as lutas que perpassaram todo o solo nordestino, de como os seres humanos peregrinaram na tentativa de escapar dos males da seca, que destrói a tudo, os homens, os animais, a plantação e o próprio chão.

Nesse contexto, *Vidas secas* retrata o caso de uma família de migrantes em busca de sobrevivência diante das ameaças da estiagem no sertão. Assim, de acordo com Holanda (1992) “a década de trinta tenta resgatar o homem comum, fazê-lo aparecer enquanto herói –

já mesmo por resistir, sobreviver às agruras de seu meio” (HOLANDA, 1992, p. 67). Tem-se, então, em *Vidas Secas*, uma obra que trata de um homem simples, retirante e que, posteriormente, se torna o vaqueiro de uma fazenda, assumindo o papel de grande herói da narrativa por suportar as dificuldades e o grande sofrimento que a situação da seca no meio social dissemina ao povo nordestino.

Tratando de *Vidas Secas*, Graciliano nos apresenta uma narrativa marcada por frases curtas e regadas de silêncio. Poucos são os diálogos realizados em toda a obra e, a justificativa é que, as personagens que constituem a família de Fabiano, a começar pelo próprio, não dominam o uso da linguagem e acabam por falar pouco ou não falar. O patriarca sente-se intimidado pelo poder dos que são mais favorecidos pelos lugares sociais e fica mais confortável entre os animais que cuida na fazenda. Assim, conforme declara Holanda (1992), “seja por sentir a precariedade do signo; seja pela impossibilidade de lhe ter acesso, é sempre um silêncio o que o texto aponta” (HOLANDA, 1992, p. 52). Fabiano, nossa personagem analisada, tem consciência de que não possui propriedade sobre a linguagem e que dela não sabe fazer bom uso, por isso, em situações que deveria se impor, acaba preferindo ficar em silêncio. Além do mais, este acesso à linguagem não foi permitido ao vaqueiro em nenhum momento de sua vida, pois a ele está destinado ocupar o lugar de dominado na sociedade hierárquica em que vive.

1.1 As causas do silêncio

Quando falamos em silêncio inúmeras interrogações nos cercam e nos fazem refletir, o que é, realmente, o silêncio? Silêncio é a presença ou ausência de palavras? O silêncio pode ser uma forma de linguagem? Para analisar a personagem Fabiano primeiro precisa-se compreender melhor tais inquietações. Partindo, portanto, da noção de silêncio enquanto expressão carregada de sentidos e significação, embora, de acordo com Teixeira, “por muito tempo, o silêncio foi visto apenas como a ausência de palavras, privação de fala, falta de ruídos”. (TEIXEIRA, 2010, p. 22). Já que o silêncio representa a ausência de som, durante muitos anos acreditou-se que este estava associado apenas a uma única definição. Porém, hoje já pode-se ver o quanto o silêncio pode nos falar, mesmo sem expressar nenhuma palavra.

Orlandi (2007), afirma que o homem estabeleceu o silêncio como um espaço linguístico discernível. Mas, não como um espaço vazio, o silêncio é um excelente espaço de significância, que origina sentidos e interpretações. Quando pensa-se em atos discursivos na comunicação humana, o silêncio pode ser convertido em palavras. Isso, porque, o silêncio é

capaz de falar e falar muito, através de uma multiplicidade de sentidos do dizer e do sentir, porque, como afirma Teixeira (2010):

O silêncio pode adquirir força de verbo, de ação, sendo também um ato de reflexão, por exemplo. Ele tem a capacidade de revelar um estado de alma, ou escondê-lo. Assim, esse elemento da linguagem concentra opostos, dependendo do contexto pode significar cumplicidade ou ser um forte instrumento de oposição e resistência (TEIXEIRA, 2010, p. 23).

Dessa forma, o silêncio possui a mesma força que a palavra, podendo se configurar como ação e reflexão de situações. Através do silêncio, pode-se conhecer o íntimo de uma pessoa, ou não. Este também pode funcionar como um bloqueio para este aprofundamento pessoal, pois, através da ausência de palavras, em alguns casos, sabemos muito sobre uma pessoa, mas, em outros, o silêncio é usado como forma de não se deixar descobrir, servindo de bloqueio para interpretações. Considerando os opostos, o silêncio funciona como cumplicidade ou resistência. Portanto, o silêncio pode ser entendido como a aceitação de uma ideia ou sua completa oposição a ela.

Assim, o silêncio de uma pessoa está intimamente ligado à ausência ou falta de comunicação. Entretanto, mesmo não havendo a presença de palavras ainda há construção de sentidos e a presença de significação ao ser interpretado dentro do processo de comunicação com os sujeitos envolvidos. Dessa forma, permanecer em silêncio também é uma maneira de comunicação. Isso porque, diz Teixeira (2010), que “uma pessoa que fica em silêncio pode somente estar quieta, mas também pode estar submersa no poço das angústias, abafando o seu desespero com o intuito de transparecer aos outros uma aparência calma e tranquila.” (TEIXEIRA, 2010, p. 24). Assim, o silêncio se relaciona à necessidade de permanecer sossegada, em um momento íntimo de calma, como pode representar profundo desassossego, no desespero de não deixar transparecer o que o preocupa e repassar um ar de tranquilidade.

Igualmente, usamos do silêncio para refletir, nos concentrarmos em determinado assunto como ponto de reflexão, mas, é também no silêncio que gritam os remorsos interiores do que deixamos de fazer e, assim, acabamos por fugir do silêncio que perturba nosso inconsciente, que nos coloca diante de reflexões profundas sobre nossas próprias vidas. Entretanto, quando nos cabe habituar-se ao silêncio do outro em momentos de comunicação, não se torna confortável, isso, porque, precisa-se das palavras do próximo para conviver de maneira satisfatória em sociedade. E, em alguns casos, o silêncio enquanto ausência de comunicação pode destruir afinidades, definindo relações isoladas entre os sujeitos, pois, o

silêncio tende a produzir significação e traduzir sentimentos de dor, de sofrimento ou de indiferença.

Deste modo, precisamos pensar partindo dos pressupostos acerca do silêncio como já foi visto, para entender os sentidos que constituem a noção de silenciamento apresentada por Orlandi (2007). Assim, o silenciamento de um indivíduo está associado à noção de censura desempenhada por um poder explícito sobre alguém socialmente mais fraco. Portanto, o silêncio causado pela censura não remete à ausência de palavras, mas ao impedimento de se pronunciar algo. Pensando a partir desta visão, esta maneira de silenciar não equivale à falta de informações ou ao não saber do sujeito e nem se refere à uma condição física ou psicológica que dificulte a comunicação, mas trata da relação que este sujeito realiza com as palavras e o fato de ser-lhe impedido de proclamá-las.

Quando o sujeito tem as suas relações discursivas interferidas e é impedido de se impor, através da fala, em diferentes situações, este acaba perdendo a sua identidade enquanto um ser falante e vai, cada vez mais, sendo silenciado. E, isto só acontece, porque de acordo com Orlandi (2007), “não há reversibilidade possível no discurso, isto é, o sujeito não pode ocupar diferentes posições: ele só pode ocupar o “lugar” que lhe é destinado, para produzir os sentidos que não lhe são proibidos. A censura afeta, de imediato, a identidade do sujeito”. (ORLANDI, 2007, p. 79). Tirar do homem o direito da fala é uma estratégia para dominá-lo e explorá-lo da maneira que mais favoreça ao seu silenciador, porque ao tornar-se “calado” não há mais a possibilidade de imposição ou resistência argumentativa, facilitando que este sujeito receba ordens e as execute sem contestar, por mais que não concorde, mas se cala e obedece.

Assim, impedido de falar, acaba também impedido de idealizar um futuro diferente, pois não possui perspectiva de conseguir sair da situação em que vive, já que não terá condições para dialogar e, assim, sonhar sobre e com alguma possível mudança de vida. Com isso, acaba se entregando a uma realidade cruel de dominação sem oposição.

Na sociedade atual, o que garante poder aos sujeitos é a apropriação que este possui em relação à linguagem, pois é através desta que se torna possível o ato de comunicação. Este elemento de extrema importância para os seres humanos, a capacidade de se comunicar através da palavra, é o que basicamente nos diferencia dos animais. Isso, porque, o domínio da palavra possibilita o poder de manipulação através da linguagem. E a linguagem é tida como o componente substancial que insere e permite ao homem sobreviver em sociedade, capaz de interferir diretamente em seu destino, no seu sucesso ou na sua desgraça.

Assim, o domínio da palavra permite ao homem ocupar um lugar relevante em sua comunidade, inclusive a força de exercer poder sobre os demais homens que não possuem a

mesma habilidade linguística. É o que acontece ao personagem Fabiano, se pensarmos de acordo com Teixeira (2010) que “a posse da palavra proporciona poder ao sujeito enunciativo” (2010, p. 28). O vaqueiro, por não se sentir bem com as palavras, passa a ser dominado pelas pessoas que convivem ao seu redor e que o manipulam, pois Fabiano não se impõe de maneira a contestar nada do que lhe é infligido através da linguagem. Este silêncio incomoda a personagem, que diante das dificuldades sente vontade de se colocar através da fala, mas o que lhe resta é o calar-se, como única escapatória, tornando-se vítima da dominação social.

Pensando a situação da personagem e o contexto social em que está inserido, nota-se que Fabiano está condicionado ao silêncio, porque, conforme Holanda (1992), “a palavra é a expressão de poder, ele privado da palavra, portanto, de poder” (1992, p. 69), como falta ao vaqueiro o domínio básico para a comunicação, ele não apresenta o poder que a palavra proporciona. Ao contrário disso, ele acaba sendo dominado por terceiros, o que vai acarretando cada vez mais o seu silenciamento, como imposição de uma sociedade opressora, injusta e impiedosa. Nesse tipo de convivência social, o que fala mais alto é o poder financeiro e quem o detém é enquadrando na esfera privilegiada da sociedade. Esta esfera social é a que possui, segundo Teixeira (2010), a oportunidade de desbravar os enigmas da linguagem e dominá-la. Já aos sujeitos menos favorecidos, como Fabiano e sua família, este acesso não é permitido. É, assim, que se concretizam as desigualdades sociais e os indivíduos que não dominam o uso da palavra acabam sendo dominados pelos mais fortes, tornando-se vítimas de exploração.

Dessa forma, vai se estabelecendo a noção de dominação através da força das palavras, porque, segundo Orlandi (2007), a pessoa dominada acata e reconhece o poder da fala do dominador, pois a sociedade já o moldou para agir dessa forma, adotar ordens de quem tem autoridade para articulá-las. Assim, resta consentir e silenciar. É o silêncio, neste caso, que enfatiza ainda mais a força da dominação, pois se não há discordância, o sujeito dominado não possui perspectiva de saídas possíveis da situação de oprimido.

Portanto, a causa do silêncio de Fabiano é a censura que lhe é imposta de maneira grosseira e sem chance de ser revertida. Partimos da noção de que o silêncio provocado pela censura não significa que a pessoa não possua capacidade de se comunicar, neste caso, não é ignorância ou falta de conhecimento, mas, a voz do vaqueiro que é interdita, este não possui espaço para dizer o que pensa. O silêncio de Fabiano existe para que este, impossibilitado da palavra, também esteja censurado de produzir sentidos. É uma estratégia de dominação para que não se permita ao oprimido dizer algo que não pode ser dito. Ou seja, a intenção é fazer com que a classe desfavorecida não se imponha em relação aos dominadores, como acontece

com Fabiano. Isso só ocorre, de acordo com Orlandi (2007), porque “de um lado a censura trabalha sobre o conjunto do dizível, do outro, em uma retórica de resistência, há uma política do silêncio que se instala (consensualmente) e que significa justamente o que, do dizível, não se pode dizer” (ORLANDI, 2007, p. 111). A censura se aplica a partir da resistência que instaura o silêncio e essa interdição busca, justamente, impedir que o que precisa e deve ser dito seja pronunciado, de maneira a silenciar estes sentidos.

A censura, além de bloquear a possibilidade do dizer, ao privar o indivíduo da posse das palavras, acaba também impedindo-o de construir sentidos e de tomar posições na sociedade. Para tanto, conforme Orlandi (2007), “essa situação corresponde a uma forma direta e sem sutilezas da política do silêncio, ou melhor, do silenciamento: se obriga a dizer ‘x’ para não deixar dizer ‘y’” (2007, p. 81). A censura é, portanto, uma forma de silenciar e de controlar o que pode e o que não pode ser dito, obrigando os indivíduos a se expressarem apenas de uma única maneira e que esta não pode ferir as regras de dominação dos mais fortes.

Fabiano aparece em *Vidas secas* como uma vítima desta censura, a qual o impede de construir bem o uso da linguagem, para expressar os seus pensamentos e ser capaz de se defender das injustiças que o assolam no decorrer de toda a narrativa, nas mais variadas formas. Esta forma de silenciamento busca fazer de Fabiano a interdição de sua voz, para não lhe permitir dizer a sua versão dos fatos, condizente com a verdade, para que diga apenas o agradável aos seus silenciadores e ao meio social em que estão inseridos.

1.2 O silêncio da personagem Fabiano no contexto da obra *Vidas secas*, de Graciliano Ramos

Em meio a um cenário de uma seca cruel que assola o Nordeste brasileiro nos primeiros anos do século XX, conhecemos, através de Graciliano Ramos e sua obra intitulada *Vidas secas*, uma família de retirantes que caminha na esperança de encontrar alento para o sofrimento físico e psíquico que a falta de chuva provoca no povo do sertão. Fabiano, o patriarca, peregrina acompanhado de sua mulher, Sinhá Vitória, e dos dois filhos, além da cachorra Baleia, mascote da família.

Cada vez mais a vida dos retirantes ficava difícil durante as longas caminhadas incertas. Nestas andanças, o que prevalecia era o silêncio tendo em vista que “ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas” (RAMOS, 1998, p. 11). A família já se mostrava muito contida, não tão

familiarizada com as palavras, não realizavam conversas longas e profundas, quando se comunicavam era por breves e poucas palavras. Ao presenciarem o trauma da morte próxima do filho, fraco e fatigado de tanto caminhar, Fabiano e Sinhá Vitória, se emudeceram por completo, como em um momento de meditação para refletir sobre a situação que estavam enfrentando e se seriam fortes o suficiente para conseguir superarem aquele momento de provação. A introspeção aparece na obra como uma contemplação interior, as personagens viviam para dentro, como se buscando mudar o funcionamento da mente para eliminar o sofrimento que a retenção da linguagem lhes causava. A vida durante a persistência da seca pode ser tão breve como as pequenas e poucas palavras pronunciadas pela família de Fabiano.

Quando os corpos já sucumbiam durante o percurso, “num cotovelo do caminho avistou um canto de cerca, encheu-o de esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar. A voz saiu-lhe rouca, medonha. Calou-se para não estragar força” (RAMOS, 1998, p. 12). Em um momento de grande alívio, Fabiano arrisca querer declarar o seu contentamento através do canto, mas isso soa ousado demais. Como não falava muito, sua voz era rouca e não admitia cantarolas. Achou melhor permanecer calado para não gastar energia, pois precisava manter uma reserva assim como os cactos guardam água em seu interior para resistir às adversidades. Nesse momento, a família encontra um lugar para ficar, uma fazenda que parecia abandonada, mas havia um dono que não residia na propriedade. No primeiro contato com o proprietário das terras, Fabiano consegue um trabalho para servir como vaqueiro e cuidar dos animais da fazenda, além de poder morar por lá com a família. A partir deste ponto, a narrativa se desenvolve e o leitor pode conhecer mais sobre a vida da família e se aprofundar um pouco sobre cada personagem e suas peculiaridades. Assim, nosso foco recairá sobre a personagem Fabiano, enfatizando o quanto este é silencioso e não se identifica com o uso das palavras, deixando-se dominar pelas palavras que lhe são impostas pelos privilegiados da sociedade em que convivem.

Ao se instalarem na propriedade e diante das promessas de dias mais amenos, Fabiano se sente mais forte. Poderia construir uma boa vida naquela terra, não precisariam mais perambular pelas estradas em busca de vida. Aquela casa significava esperança. Pelo menos enquanto a seca não tornasse a ser uma ameaça próxima. Refletindo sobre a situação em que se encontraram, sobre todo o sofrimento passado até aquele momento e a perspectiva do futuro a partir dali, Fabiano chegou a uma conclusão sobre si mesmo:

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.
Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um

cabra ocupado em guardar coisas dos outros. [...] como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

- Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim, senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. (RAMOS, 1998, p. 18).

A personagem, ao se autoanalisar, proclama ser um homem. Mas, se intimida, não tinha o hábito de falar sobre essas coisas e não queria ser ouvido pelos seus filhos. Percebeu que o que havia dito não era coerente. Ele não era um homem. Era destituído da propriedade privada e da palavra. Não possuía nada, morava no que não era seu e cuidava do que era alheio. A presença de outras pessoas o intimidava, porque ele não era um homem, era um cabra. Ao perceber a imprudência do que havia dito e ao ter certeza de que não era ouvido por ninguém, corrigiu o que tinha dito anteriormente. Na verdade, ele era um bicho. Somente um bicho seria capaz de viver daquela maneira e suportar tanta desigualdade. Fabiano não se considera um humano, a sua existência era desumana, assim, há a animalização da personagem ao denominar-se como um bicho.

E, para ele, era motivo de orgulho ser um bicho desta qualidade, um bicho forte, resistente, capaz de vencer as maiores dificuldades da vida. Fabiano se considerava um bicho, como ele mesmo declarou, porque se sentia incomodado na presença de outros homens, por isso a impossibilidade do diálogo. Foi reduzido ao silêncio, como resultado do sistema social opressor que não permite resignação aos não-privilegiados. Assim, não gostava de conviver com gente, não se sentia bem junto com outras pessoas, principalmente, pessoas de uma realidade diferente da sua e a rotina que exercia lhe incumbia outros serviços e outros tipos de relação.

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. [...] às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas. (RAMOS, 1998, p. 19-20).

Como sua convivência com outros homens era rara, Fabiano acabou por se familiarizar, através de seu ofício, ainda mais com os animais. Estes, para o vaqueiro, eram de mais fácil trato e relação. Sua identificação com cavalos era algo tão forte que através do

contato corporal tornavam-se uma única forma, assumiam uma mistura homogênea de espécies, remetendo à simbologia do centauro. Mas para Fabiano, eram dois bichos ali naquele momento, dois bichos em um único movimento, problematizando quem naquele momento é o mais humano. Para se comunicar com os animais, com quem possuía uma forte ligação, Fabiano é capaz de desenvolver uma linguagem própria e específica através de grunhidos. Como a personagem precisava apenas é forte o suficiente para conseguir sobreviver, não havia necessidade para desenvolver uma língua complexa. A partir de então, começa a se delimitar o problema do silêncio contido em Fabiano, porque, segundo Orlandi (2007), “para nosso contexto histórico-social, um homem em silêncio é um homem sem sentido” (ORLANDI, 2007, p. 34). Doravante a proximidade que se estabeleceu, o retirante se sentiu a vontade para desenvolver uma linguagem para que pudesse se comunicar com os bichos nos quais cuidava, uma linguagem limitada por pequenos sons, mas que era validada ao passo de que os companheiros se entendiam.

Quando tentava utilizar esta mesma linguagem com as pessoas, não obtinha o mesmo sucesso, suas exclamações e sons não eram reconhecidos, por isso que Fabiano falava pouco, sua linguagem não constituía sentidos para os demais, apenas os animais eram capazes de compreender o seu processo comunicativo. Não possuía os trejeitos necessários para a linguagem, não se sentia familiarizado a ela. Achava bonito o modo de falar das pessoas, principalmente das que moravam na cidade, eram palavras grandes e difíceis, que não sabia o que significavam, mas tentava memorizá-las para utilizá-las em outro momento, pois como afirma Holanda (1992) “o que o fascina é [...] o mistério do signo. Fica embevecido diante da sonoridade das palavras. E crê ser aquilo o que confere poder às pessoas” (HOLANDA, 1992, p. 57). Entretanto, tem consciência de que tais palavras bonitas não lhe serviam, eram inúteis e perigosas para um mero vaqueiro. A ele estava destinado o silêncio do conformismo pautado pela resistência de seus pensamentos, que não deixavam se entregar, embora não realizasse o que tanto tinha vontade. E era ciente de que os sujeitos que bem dominavam aquelas palavras grandes e bonitas eram os que realmente detinham um lugar significativo na sociedade. Eram estas pessoas que dominavam os que desta linguagem não sabiam fazer uso.

Segundo imaginava Fabiano, esta vida não lhe fazia mal. Acreditava que tinha realmente que viver assim, porque a máquina social já o havia reduzido e “dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha” (RAMOS, 1998, p. 21). Acreditava que o conhecimento e o domínio das palavras não lhe mereciam, que não era digno de contestar qualquer situação, pois não tinha conhecimento e, assim, também não possuía autonomia. E, como acrescenta Holanda (1992), o vaqueiro já estava pronto para assumir o

papel que sociedade lhe reservou, dominado pelo meio social que o oprimia e aceitava o pouco que lhe era destinado. Sabia que não tinha o direito de reclamar ou revogar algo, porque “a sociedade convencionada certo sentir, certo olhar - é implacável com quem lhe oponha resistência” (HOLANDA, 1992, p. 68). Na vida que tinha, em que até o seu comportamento, interno e externo, era controlado impiedosamente, lhe cabia apenas obedecer às severas ordens do patrão, pois se não concordasse com o que era por ele estabelecido, poderia ser duramente castigado.

A censura na qual Fabiano era vítima instaurava o silêncio no vaqueiro como uma jogada que favorecia aos mais privilegiados da sociedade, no caso, o patrão e proprietário da fazenda, pois, quando o trabalhador não possuía meios para argumentar sobre determinados assuntos e mostrava o silêncio como resposta à tudo que o fosse apresentado, consolida-se um sistema autoritário em que Fabiano é proibido de falar sobre determinadas situações para que não seja capaz de realmente compreender a dimensão dos fatos. Assim, Fabiano não consegue tomar uma posição em sua defesa, pois não lhe é permitido ocupar um lugar enquanto sujeito pensante. Proibido de externar seus pensamentos, o vaqueiro não adquire modos para articular a sua fala e termina dominado e subordinado diante das determinações que lhe chegam, mesmo tendo consciência de que está sendo prejudicado.

Esta hierarquização determina a interdição do sujeito nos processos discursivos e na sociedade, porque afirma Orlandi (2007), que a “censura estabelece um jogo de relações de força pelo o qual ela configura de forma localizada, o que, de dizível, *não* deve (não pode) ser dito quando o sujeito fala.” (ORLANDI, 2007, p. 77). Deste modo, a força maior da hierarquia, representada pelo seu patrão, determina o que Fabiano pode ou não falar e, portanto, é inaceitável que o vaqueiro, enquanto um mero empregado, resmungue sobre o comportamento de seu amo e ouse articular que este esteja a efetuar cálculos incorretos que danificam o pagamento de seu salário. Isto é o que realmente Fabiano deveria fazer e dizer, mas a força da interdição social o proíbe de falar o que se deve, o que gera ainda mais insatisfação na personagem, mas que não ousa infringir as regras de um jogo implacável e cruel.

E, mesmo que quisesse, o meio social já havia se garantido de que Fabiano não possuísse o poder de manipular as palavras, pois sem esse domínio era mais fácil manipulá-lo. De tal modo, o vaqueiro é vítima de censura, esta enquanto, conforme Orlandi (2007), um “processo de silenciamento que limite o sujeito no percurso de sentidos” (ORLANDI, 2007, p. 13), por isso, a personagem não consegue ir longe ao processo comunicativo, lhe foi impossibilitado por uma força que o obriga a manter-se calado e o impede de formular

pensamentos críticos, de interpretar sua vida e atribuir sentidos às considerações. Por isso, “Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava nomes atravessados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse... Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas.” (RAMOS, 1998, p. 36). Como não sabia falar direito, também não poderia impor o que pensava. Sempre que tentava falar saía desajeitado, pronunciava nomes em desordem, que não construía sentidos. Seu interior vivia um caos ordenado pelo silêncio segundo um controle interno. Achava que falar, no caso dele, era besteira. Não podia expressar seus pensamentos, seu inconsciente não podia se tornar público, porque, conforme coloca Orlandi (2007):

Apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma “outra” formação discursiva, uma “outra” região de sentidos. O silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando conseqüentemente os limites do dizer (ORLANDI, 2007, p. 74).

Se conseguisse organizar seus pensamentos e proferi-los, seria perigoso, pois o objetivo de uma sociedade hierárquica é evitar que uma classe abaixo consiga apresentar e expor seus sentidos em detrimento dos mais privilegiados, através da linguagem. Se avançasse os limites que acanham o seu dizer, somente assim, ele seria capaz de se defender das injustiças que sofria através, principalmente, do seu patrão e do soldado amarelo, além de outros personagens do meio privilegiado que vaqueiro convivia de alguma forma.

Tamanhas injustiças ocorrem a Fabiano devido ao sistema autoritário que rege o meio social em que ele vive, que regula o poder da palavra, ou seja, este poder não é permitido para todos, somente uma pequena parcela da sociedade é instigada a desenvolver bem o controle das palavras para usá-las de maneira efetiva em contextos comunicativos. Junto com o poder das palavras, estes indivíduos adquirem também o poder sobre as demais pessoas, às quais não lhe foram ofertadas o conhecimento e a posse das palavras.

Neste autoritarismo, conforme Orlandi (2007), “não há reversibilidade possível no discurso, isto é, o sujeito não pode ocupar o ‘lugar’ que lhe é destinado, para produzir os sentidos que não lhe são proibidos. A censura afeta, de imediato, a identidade do sujeito.” (ORLANDI, 2007, p. 79). Diante de situações de imposições de comportamentos, não é possível reverter o controle dos discursos e, assim como acontece com Fabiano, não lhe é possível ocupar lugares nos discursos, sua voz não tem importância nos processos de comunicação, só assim para que o vaqueiro não compreenda determinadas situações, que não

lhes permitem a compreensão. É deste modo no qual a sociedade hierárquica favorece alguns e oprime outros. Assim, a obra fala muito sobre o próprio Graciliano Ramos, mostrando, de certa forma, a secura da sua vida durante o tempo que passou preso acusado de ser um comunista criminoso (1936), pois é ao ganhar a liberdade de volta que inicia a escrita da narrativa.

2. A HIERARQUIZAÇÃO SOCIAL COMO SILENCIADOR DA PERSONAGEM FABIANO EM *VIDAS SECAS*, OBRA DE GRACILIANO RAMOS

Fabiano, como se viu, se constitui como um homem de poucas palavras e que prefere o silêncio ao constrangimento de ter que se comunicar com outras pessoas. Para ele, é mais fácil conviver e se relacionar com os animais, com quem já está acostumado e com quem sabe conviver perfeitamente de maneira harmoniosa. As pessoas o intimidam no convívio social, ir à cidade e permanecer no meio de várias pessoas que ele não conhece e que são diferentes dele é sinônimo de tortura para Fabiano. Mas, no contexto familiar, o vaqueiro possui pulso firme para conduzir os teus, com quem sempre está preocupado e tentando oferecer o melhor possível, mesmo diante das inúmeras dificuldades que a família precisa enfrentar para garantir a sobrevivência.

2.1 A força da personagem Fabiano sobre sua família, mesmo diante de seu silenciamento

Por ser o patriarca da família, Fabiano dispõe de um poder que este mesmo não reconhece, através da divisão hierárquica dos sexos em seus papéis na sociedade que, segundo Bourdieu (2012), este domínio ocorre a partir da “relação social de dominação que está em sua base e que, por uma inversão completa de causas e efeitos, surge como uma aplicação entre outras, de um sistema de relações de sentido totalmente independente das relações de força.” (BOURDIEU, 2012, p. 16 – 17). Esta divisão entre sexos não ocorre como uma imposição forçada, é uma relação social que já está estabelecida na base de construção de uma sociedade, em que homens e mulheres têm as suas funções bem delimitadas dentro das possibilidades de vida social que possuem.

Assim, esta divisão, ainda conforme Bourdieu (2012), “apreende o mundo social e suas arbitrárias divisões, a começar pela divisão socialmente construída entre os sexos, como naturais, evidentes, e adquire, assim, todo um reconhecimento de legitimação” (BOURDIEU, 2012, p. 17). A divisão que existe entre os sexos está no plano das coisas naturais, como algo normal e inevitável em todo o meio social, de maneira incorporada no jeito de pensar e de agir. Dessa forma, as divisões começam já mesmo dentro de casa, quando as atividades que devem ser desenvolvidas são “sexuadas”. Há tarefas que só podem ser realizadas por mulheres e há as que são de responsabilidade dos homens. Geralmente, a mulher fica

incumbida das atividades de cuidado e preservação do lar, enquanto o homem fica responsável pelo trabalho fora e que deve suprir as necessidades da família.

E é assim com Fabiano. Ele que deve cuidar dos trabalhos pesados da fazenda, cuidar dos animais e fazer com que a propriedade prospere. Cabe a Fabiano, também, a função de negociar com o patrão o retorno financeiro pelos seus serviços. Além de ir até a cidade para comprar o que é de precisão de toda a família. Sinhá Vitória respeita esta divisão consciente das coisas e cuida da casa, dos filhos e do marido.

Como Fabiano não falava muito, acabava não estabelecendo grandes diálogos com a família. Falavam apenas o necessário. Com isto, seus filhos seguiam o exemplo do pai. Já na infância se constituíam como seres de poucas palavras e enfrentavam o perigo de, no futuro, tornarem-se a imagem e semelhança do pai, homens submissos às ordens de quem dominava o uso das palavras como linguagem comunicativa. A questão de os filhos se espelharem no pai, e não na mãe, como exemplo de vida a seguir é compreensível quando Bourdieu (2012) afirma que:

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres (BOURDIEU, 2012, p. 18).

A visão do mundo em que se concentra na imagem masculina não precisa ser justificada para que exista efetivamente, de maneira neutra e sem imposição de força para domínio. Existe a partir de uma espécie de sistema que reconhece a dominação masculina como base para a formação social. Esta divisão entre os sexos se consolida com as divisões sociais para o trabalho, em que as atividades são atribuídas de maneira distinta a cada um. E, assim, como já enfatizamos, ao homem fica o espaço externo ao lar. Somado a isso o fato de Fabiano ter dois filhos, fundamenta ainda mais a responsabilidade que a personagem carrega em ser um bom exemplar para sua família, principalmente para o filho mais novo, que sonha em se tornar um excelente vaqueiro, assim como o pai. Enfatizando aqui a ideia de herança cultural das famílias, que diz que os filhos desejam seguir no futuro a profissão dos pais, por quem foram influenciados.

Assim, o personagem analisado, desejava que um dia a seca não existisse mais, que tudo se alinhasse e que não houvesse sofrimento. Ansiava por isto, na esperança de que seus filhos pudessem ter uma vida melhor do que a que ele teve, pois “livre daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos. Agora tinham obrigação de comportar-se como gente da laia deles.” (RAMOS, 1998, p. 24-25). Fabiano reconhecia a seca como fonte de todo o sofrimento da família, como fora criado naquele meio, não sabia fazer outros serviços. Tinha de cuidar de terras e de animais e a seca, ao disseminar tudo que há na terra, ameaçava o seu ofício, o sustento e a sobrevivência de todos. Nesses tempos difíceis, os patrões exploravam ainda mais os seus criados, que acabavam tendo menos retorno financeiro. Assim, era difícil imaginar melhorias para seus filhos, eles também corriam perigo. Não era a eles permitida a oportunidade de falar, de indagar questões que lhes surgiam e nem poderiam ter vontades ou sonhos. Eram, assim como o pai, dominados por uma força maior que os oprimia à insignificância, é o silêncio como fator de animalização. Tinham de se conformar com o que lhes restavam da sociedade, a parte menos favorecida, era a sina deles e, naquele momento, não iria mudar. Eles eram a formação de uma esfera a parte dos que comandavam, não possuíam nomes, propriedades ou qualquer outra coisa de valor, eram apenas uma “laila” de gente, de uma espécie diferente.

Nas situações mais constrangedoras, como no caso da afronta do soldado amarelo, o que detém os impulsos violentos de Fabiano são os seus pensamentos na família. Sabe que não pode fazer nada que o comprometa, pois sua família precisa de sua presença, ele era o pilar que os sustentavam. E, por isso, na cadeia, resolveu sossegar e:

Agora Fabiano conseguia arranjar as ideias. O que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. O que lhe amolecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos (RAMOS, 1998, p. 37).

Naquele momento de injustiça, conseguiu se calmar e pensar com clareza. Não tinha poder para buscar por justiça e revidar a afronta que o soldado amarelo lhe tinha feito, era apenas um vaqueiro e as coisas seriam piores para o seu lado. Assim, lembrou-se de sua família, somente ela podia deter as ideias de retaliação que estava tendo. Vivia como um bicho, suportava o que parecia ser insuportável até mesmo para um animal, era forte. Não se intimidava com um soldado amarelo, este não poderia lhe insultar e ficar por isso mesmo. Fabiano mostra-se resistente, desta forma, o seu silêncio se consolida como a sua fonte de força, quando resgata memórias de traumas e sofrimentos. Entretanto, tinha que pensar nos

teus. Sua mulher e seus filhos o fizeram esmorecer diante da ideia de vingança. Não poderia permanecer preso ali, precisava voltar para casa e assumir as responsabilidades que lhe incumbiam na fazenda, essenciais para a manutenção da sua família.

Como a personagem Fabiano era a influência que seus filhos possuíam, seriam, pois, um reflexo do vaqueiro, já que “os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo” (RAMOS, 1998, p. 38). Dentro da sociedade em que viviam, aos filhos do retirante, só restaria o mesmo destino do pai, não teriam outros direitos. Quando crescessem teriam que trabalhar com o gado, cuidar dos animais alheios de um patrão que quase nunca apareceria, mas a quem deveriam obediência e respeito. Seriam humilhados, menosprezados e maltratados neste ambiente e, talvez, até fossem também vítimas das injustiças de um soldado amarelo. Não lhes resguardavam surpresas ou imprevistos. A vida continuaria igual para o pai e, conseqüentemente, para os filhos.

Mas, mesmo assim, os meninos queriam ser como o pai, principalmente, o mais novo, que também queria ser vaqueiro. Ficava sempre observando os modos de Fabiano, a maneira como ele cuidava dos bichos da fazenda e de como tinha jeito para domar uma égua brava. Tudo isto admirava o garoto e alimentava nele a vontade de ser igualmente bom. Em uma tarde, ao observar que o pai planejava amansar a égua alazã, admirava-se de tal modo que “Fabiano lhe causava grande admiração. Metido nos couros, de perneiras, gibão e guarda-peito, era a caricatura mais importante do mundo” (RAMOS, 1998, p. 47) e o menino sonhava com o dia em que seria assim, desejava o momento em que poderia adornar-se com toda aquela vestimenta e adereços e, assim, ser capaz de despertar a atenção da família.

Queria dominar “o mundo do outro”, mostrando que o pai também detinha poder. Então, “aproximou-se do chiqueiro das cabras, viu o bode velho fazendo um barulho feio com as ventas arregaçadas, lembrou-se do acontecimento da véspera. Encaminhou-se aos juazeiros, curvado, espiando os rastros da égua alazã.” (RAMOS, 1998, p. 49), sabia que não era capaz de montar na égua, o próprio pai estava tendo dificuldades, devido à braveza do animal.

Precisava de um animal mais manso e decidiu que iria montar no bode velho e que faria como um bom vaqueiro, assim como Fabiano. Seguiu com seu plano e “trepado na ribanceira, o coração aos baquetes, o menino mais novo esperava que o bode chegasse ao bebedouro. Certamente aquilo era arriscado, mas parecia-a lhe que ali em cima tinha crescido e pode virar Fabiano.” (RAMOS, 1998, p. 50). Era isso que ele queria, virar Fabiano, virar um grande vaqueiro. Mas, o seu plano não foi bem sucedido e, ao montar no bode rapidamente foi

ao chão. Sentiu-se frustrado, incapaz e humilhado, mas estes sentimentos logo passaram. Sabia que ainda era muito pequeno para este ofício, tinha que esperar mais alguns anos, uma vez que “precisava crescer, ficar tão grande como Fabiano, matar cabras à mão de pilão, trazer uma faca de ponta à cintura. Ia crescer, espichar-se numa cama de varas, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de couro cru.” (RAMOS, 1998, p. 52). Para o menino mais novo não importava se a vida que levavam era cruel e injusta, queria apenas crescer e se tornar igual ao seu pai, em cada detalhe, na força e na coragem.

O inverno, quando chegava, servia para juntar ainda mais a família, pois era um momento em que todos precisavam se aproximar em torno do fogo para se aquecerem durante a noite. Como as paredes da casa eram cheias de brechas, o ar frio sempre entrava e assolava os moradores. Nesses momentos, pequenas conversas eram desenvolvidas entre eles, “não era propriamente uma conversa, eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. Na verdade nenhum deles prestava atenção às palavras do outro” (RAMOS, 1998, p. 63). Falavam apenas por falar, não buscavam estabelecer uma comunicação efetiva uns com os outros. Não sabiam fazer isto. Momentos de comunicação afetiva e familiar eram raros, por isso, os integrantes da família não eram familiarizados com o ato de conversar, já que o silêncio era algo recorrente naquele lar. Porém, mesmo sem usarem frequentemente da palavra, a família vivia em harmonia e sabiam respeitar uns aos outros e a importância de cada um. Eram felizes na medida em que o contexto de vida lhes permitiam.

2.2 A submissão aparente da personagem Fabiano diante dos mais poderosos

O fato da personagem Fabiano se caracterizar como uma pessoa silenciosa, de poucas palavras, decorre de uma força maior que é exercida sobre ele e sua família. Esta força domina e oprime os socialmente mais fracos. Assim, não resta espaço para a voz do vaqueiro, ela acontece em meio às brechas que deixam escapar, pois não existe espaço digno para sua voz. Este não pode usufruir das palavras para que não tenha a capacidade de se impor, pois uma pessoa calada é mais fácil de ser reprimida, segundo Holanda (1992), porque “o silêncio pode ser reserva de força; ou sinal de seu esgotamento. Nada muda no indivíduo mudo” (HOLANDA, 1992, p. 57), quando o sujeito se mantém em silêncio nas mais diversas situações, não lhe torna possível a perspectiva de mudança, pois não são expressas as suas inquietações e posições sobre o assunto. Dessa forma, Fabiano acaba não se sentindo à

vontade para se comunicar e o quanto que ele se resguardou das palavras acabou fazendo-o um homem sem familiaridade com a linguagem, mas “se tivesse a palavra [...] não mudaria o mundo – mas, certamente, sua compreensão. Consequentemente, seu modo de agir” (HOLANDA, 1992, p. 58), com este domínio não seria possível e nem caberia ao vaqueiro mudar o mundo. Mas, conseguindo ter uma boa e coerente relação com as palavras, Fabiano seria capaz de mudar o seu pensamento e a sua visão sobre as questões que o inquietavam. Dessa forma, mudaria a sua maneira de agir e não seria uma vítima tão frequente de injustiças, evitando muitos constrangimentos.

Logo, as vidas secas retratadas pelo título da obra delimita uma vida marcada pela carência material e afetiva, devido às dificuldades financeiras que a família enfrentava em meio à seca, e, também, pela carência simbólica, em que falta uma vida digna para todos, pois a família de Fabiano não dispõe de nenhum tipo de poder, já que não dominam as palavras. A partir de então, podemos ver como o silêncio na obra é perpassado por fatores ideológicos, históricos e sociais e se assemelha a noção de assujeitamento, conforme defende Ramos (2009), como “possibilidade de se construir como sujeito da, na, com e pela classe social.” (RAMOS, 2009, p. 15), assim, Fabiano como um homem “dominado” não dispõe das propriedades da linguagem para se impor ao que lhe é colocado, apresentando o silêncio como submissão e resistência de vida, sem conseguir se constituir a partir de uma classe social. Fabiano e sua família são, na verdade, insignificantes para o meio social que ocupam.

De tal modo, o silêncio presente na obra não é apenas a ausência de palavras, há também a noção de omissão de outras enunciações, ou seja, o dizer pelo não-dizer. Portanto, o silêncio em *Vidas secas* representa o binômio opressão-submissão, confirmado através do “massacre do caráter humano, também visto na dificuldade de linguagem de Fabiano e na animalização dele e de sua família.” (RAMOS, 2009, p. 17), por isso, a família de Fabiano, e principalmente ele, ao não construir um uso da linguagem satisfatória, são vítimas do silenciamento através do rebaixamento, impondo uma subordinação aos mais fortes socialmente.

Além do mais, Fabiano não está envolvido apenas na questão da opressão, isso porque “Fabiano é constituído pela carência da palavra e o texto atenta para a querência da palavra como recurso de poder.” (RAMOS, 2009, p. 20) e diante de sua situação, mostra que a capacidade de dominar a linguagem também envolve o poder socioeconômico ao qual não está inserido, porque Fabiano pouco sabe e entende sobre o governo, para ele é como um abstrato que se materializa apenas em alguns momentos, como o encontro com o Soldado Amarelo ou com o dono da fazenda.

O desejo de conseguir articular adequadamente a linguagem se aplica pelo fato de este recurso ser o mais efetivo para ocupar um lugar socialmente e se libertar das injustiças que assolam os menos favorecidos, ao poder apresentar suas inquietações, questionamentos e posição sobre determinados assuntos, para que a resposta não seja apenas o silêncio, usado como argumento positivo para a dominação social. O engajamento da palavra funciona como arma capaz de proporcionar ações que a sociedade considera indevidas.

A personagem ficava a mercê das ordens que recebia do patrão, que não tinha bons modos ao tratar com ele. Diferentemente de Seu Tomás da bolandeira, antigo patrão de Fabiano, um caso diferente de senhor. Este era muito educado com seus criados, sabia falar muito bem, mas não se utilizava disso para pisar em quem trabalhava para ele e cumpria com seus serviços, sempre que dizia alguma coisa era pedindo, não sabia mandar e, sempre, foi obedecido, porque, de acordo com Bourdieu (2012), “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais” (BOURDIEU, 2012, p. 46). Assim, prestar serviços e obediência aos patrões acontecia de maneira natural, tendo em vista que acreditavam que assim é que deveriam ser as coisas. Como consequência, perde sua autonomia e passa a viver conforme as vontades e imposições dos amos. Entretanto, o antigo patrão de Fabiano representa a classe privilegiada que não precisa oprimir e abusar dos menos favorecidos que estão em seu serviço. Não se via como um superior apenas pela sua situação social ou econômica e tratava todos os seus empregados de maneira igualitária e respeitosa, como realmente devia ser. Tomás da bolandeira era muito respeitado e admirado por de Fabiano, que por incansáveis vezes falava nele, sempre de maneira positiva e regada de afeto e emoção. Justamente por conhecer bem o ex-patrão, o vaqueiro considerava que alguns brancos eram, assim como ele, diferentes, no entanto:

O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida? (RAMOS, 1998, p. 22-23).

O atual patrão do vaqueiro é o tipo comum de gente que precisa humilhar seus empregados para se sentir superior a eles. Ia pouco à fazenda, mostrando o seu desinteresse pela propriedade, mas, quando ia, era para reclamar dos serviços de Fabiano, embora não

houvesse motivo para tal. O retirante realizava com dedicação seu trabalho, gostava do que fazia e tinha sempre o cuidado para que tudo andasse em ordem, porém, o amo parecia não perceber nada disso.

A fazenda prosperava e o patrão só reclamava, exigia ainda mais do pobre homem, como instauração de uma violência simbólica, que segundo Bourdieu (2012), é instituída “por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar” (BOURDIEU, 2012, p. 47). Como não lhe era permitido outro tipo de comportamento diante de tamanha manifestação desnecessária de poder, Fabiano consentia e aceitava tudo o que ele dizia calado, em posição de respeito, pois sabia que não adiantaria de nada tentar argumentar nesses momentos, sabia que o patrão podia sentir-se desacatado e poderia ofendê-lo ou expulsá-lo das terras junto com sua família e, diante do medo de que isso viesse a acontecer, só lhe restava concordar e prometer melhorias na propriedade, embora não fosse preciso, já que a manutenção da propriedade caminhava de maneira satisfatória.

Há nesta passagem da obra um caso claro de submissão e abuso de poder. A personagem tem consciência de que realiza bem o seu serviço e de que seu patrão também sabe disso, mas se rebaixa para receber as difamações sem justo motivo, simplesmente, porque o seu local de inserção social o obriga. Fabiano compreende a hierarquização social que vive, ele possui razão. Reconhece que as reclamações do amo são apenas para mostrar superioridade, exhibir quem manda e quem obedece, porque, conforme declara Holanda (1992), somente “a linguagem permite bulir na realidade dada, na busca da realidade escondida” (HOLANDA, 1992, p. 59), somente se Fabiano articulasse o que sentia naquele momento, seria capaz de mudar aquela situação de humilhação, se mostrasse que o seu serviço estava sim sendo realizado de maneira satisfatória e que não precisava de reparo, mas, nesse momento, o vaqueiro escolhia manter-se em silêncio, porém, em seu inconsciente, onde tudo acontecia para dentro, prometia não mudar nada, pois todos os cuidados estavam indo bem e mostrando resultado, pois até os animais aumentavam em quantidade e a terra prosperava. Não tinha dúvidas, seus pensamentos lhe comprovavam que o senhor só queria expor o seu poder sobre ele e sobre as terras nas quais trabalhava, era assim que funcionavam as coisas.

Entretanto, Fabiano não sente apenas a força das injustiças advindas de seu patrão. Em outra situação, o vaqueiro é desafiado por um soldado para uma partida em um jogo. Ele aceita jogar, acaba perdendo os poucos trocados que tinha e vai embora desorientado e carrancudo. A personagem só não imaginava que o soldado viria atrás dele, o provocaria sem

motivos e ao ter o seu pé pisado com força pelo amarelo, Fabiano se descontrola e fala mal da mãe do policial. Era o que ele queria para levar o retirante para a cadeia e prendê-lo.

O pobre vaqueiro não ousou se defender, sabia que sua palavra não valeria de nada. Só lhe coube resmungar dentro da cela. Era um homem de respeito, nunca havia sido preso, tinha bons costumes e, por um desentendimento sem motivo, tinha caído naquela desgraça. Em meio aos pensamentos que lhe fluíam naquele ambiente, buscou entender “porque um sem-vergonha desordeiro se arreliá, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças.” (RAMOS, 1998, p. 33). Não conseguia entender aquela condição e a sua ilusão era acreditar que “se lhe dessem tempo, poderia explicar-se, defender-se, botar as coisas nos seus lugares. Mas cedo se dá conta do quanto está desarmado naquele meio, onde a palavra é expressão de poder; ele privado da palavra, portanto, de poder” (HOLANDA, 1992, p. 69). Queria poder argumentar suas razões, desejava poder se defender desta ocorrência que ele não tinha culpa, mas Fabiano sabia que não era possível, tinha conhecimento do porquê estar passando por isto, era comum homens como ele sofrerem estes atentados, não tinham voz, não sabiam se impor, não poderiam ser respeitados, pois não detinham nenhuma forma de poder, pois este está diretamente ligado a linguagem e ao uso das palavras, domínio que Fabiano não possui. E entre rangidos de dentes e exclamações monossilábicas, o vaqueiro reconhecia, em sua consciência, que já estava acostumado com as injustiças que lhe aconteciam e que estas faziam parte de sua vida.

Adiante da dificuldade que tinha em conviver com outras pessoas, o único motivo pertinente para toda a família ir à cidade era a festa de Natal. Todos usavam roupas novas e calçavam sapatos para esta cerimônia e se sentiam desconfortáveis, pois não eram acostumados com estes trajes. Na igreja, Fabiano não se sentia à vontade, não se considerava pertencente àquele mundo, se mantinha “silencioso, olhando as imagens e as velas acesas, constrangido na roupa nova, o pescoço esticado, pisando em brasas. A multidão apertava-o mais que a roupa, embaraçava-o.” (RAMOS, 1998, p. 75), tudo ali lhe suava estranho, não ousava falar. O medo causava desconforto e solidão no espaço distinto. A roupa nova lhe incomodava, mas não mais do que as pessoas que o rodeavam, estas o sufocavam, não gostava de multidão, se sentia muito melhor vestindo o seu gibão e as perneiras, sentia a liberdade da fazenda. Ali, era oprimido. Sua presença, em meio à tanta gente, nem era notada, mas Fabiano “sentia-se rodeado de inimigos, temia envolver-se em questões e acabar mal a noite” (RAMOS, 1998, 75), receava que qualquer movimento impensado o colocasse em

situações constrangedoras, como o caso do soldado amarelo, já que era suscetível às injustiças, porque:

Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se carrancudo e evitava conversas. Só lhe falavam com o fim de tirar-lhe qualquer coisa. Os negociantes furtavam na medida, no preço e na conta. O patrão realizava com pena e tinta cálculos incompreensíveis. Da última vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de números, e Fabiano, com os miolos ardendo, deixara indignado o escritório do branco, certo de que fora enganado. Todos lhe davam prejuízo. Os caixeiros, os comerciantes e o proprietário tiravam-lhe o couro e os que não tinham negócio com ele riam vendo- passar nas ruas, tropeçando. Por isso Fabiano se desviava daqueles viventes. Sabia que a roupa nova cortada e cosida por sinhá Terta, o colarinho, a gravata, as botinas e o chapéu de baeta o tornavam ridículo, mas não queria pensar nisto (RAMOS, 1998, p. 76).

Perto das pessoas da cidade, o vaqueiro achava-se diferente, inferior ao nível deles e sentia-se motivo de chacota por isso. Não disfarçava seu incômodo e preveria não conversar com ninguém. O silêncio era seu refúgio, pois manter calado o deixava mais à vontade. Porque, quando alguém resolvia dirigir-lhe a palavra, com certeza, era para lhe tirar algo. Era sempre assim que acontecia nos negócios. Fabiano se sentia roubado, mas não tinha autonomia para reclamar o que era seu por direito. Calava-se diante das injustiças, que ele tinha consciência de que acontecia. No comércio, lhe rouba na mercadoria e no preço. Já o patrão, divergia nos cálculos em seu favor e prejuízo do vaqueiro, mas nunca ousou reivindicar o que lhe tirava, mesmo sabendo que estava sendo enganado.

Sua insatisfação era censurada, não tinha o direito de acusar o proprietário de roubá-lo, sua palavra não tinha valor, era apenas um empregado que devia submissão ao seu superior. Quem não tinha uma maneira de roubá-lo, ria-se dele na rua, todo desajeitado e desabituaado àquele meio, segundo Fabiano imaginava. Por este motivo, o vaqueiro não gostava de frequentar a cidade, ainda mais usando roupas que não costumava usar. Era como querer encaixar-se à força numa esfera que não lhe pertencia e não lhe cabia.

Sempre que precisava de dinheiro, não tinha alternativa, Fabiano precisava recorrer ao patrão. Procurava vendê-lo seus bichos, mas o amo sempre oferecia preços muito abaixo do ideal. Tentava negociar, resmungava, se afligia, porém, não adiantava de nada. Não conseguia conversa e acabava se calando e aceitando as ofertas do senhor, por medo de ser expulso da fazenda, ato que Orlandi (2007) justifica pelo fato de “o silêncio adquire o valor que lhe dita seu oposto” (ORLANDI, 2007, p. 44). Trata-se de um episódio já esperado pelo patrão. Ao pagar menos que o justo à Fabiano, o patrão sabe que uma hora ou outra o dinheiro não será

suficiente, não tendo à quem recorrer caberá ao vaqueiro solicitar ajuda do proprietário. Sem escolha, Fabiano acaba se comportando exatamente como seu amo queria. E ao não conseguir negociar os preços dos seus bichos e calando-se diante da imposição do patrão, o vaqueiro, silenciosamente, adotada o sentido que o senhor esperava, a mercê das razões deste. Por fim, seus bichos já estavam quase todos marcados com o ferro do patrão.

Quando não restou mais o que vender, acabou se endividando e na hora de receber seu pagamento, era uma quantia muito baixa. Ao fazer os cálculos com a mulher, nunca coincidem com o do proprietário. Sinhá Vitória fazia as somas e as diminuições usando sementes de espécies variadas. O patrão justificava que a diferença era proveniente dos juros que ele precisava cobrar. Fabiano, mesmo relutando, acabava se conformando, “era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens” (RAMOS, 1998, p. 93). Por medo de ser expulso da fazenda e não ter para onde ir com sua família, o vaqueiro sossegava, não se atrevia levantar uma discussão, sabia que perderia, ainda mais tratando de gente rica. Reconhecia que o seu direito era o de aceitar calado.

O silêncio existia enquanto medida para Fabiano, porque, segundo Orlandi (2007), “há, pois, uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar mas de fazer dizer “uma” coisa, para não deixar dizer “outras”. Ou seja, o silêncio recorta o dizer. Essa é sua dimensão política.” (ORLANDI, 2007, p. 53). Em uma sociedade hierárquica que disputa a dominação uns dos outros, até mesmo os dizeres são controlados, com o objetivo de silenciar os mais fracos socialmente. Silenciando estes sujeitos, admitisse o controle do que deve ser dito, para não correr o risco de ser pronunciado o que não deve dizer. Assim, a sociedade política limita e manipula as palavras, de forma que somente o conveniente seja dito. E Fabiano resiste em ser dominado por este meio, sabia que não poderia expor a verdade das injustiças que lhe ocorriam na hora de receber o seu pagamento e, só por isso, decide não falar nada e silencia-se para a aceitação de agir conforme sua posição social lhe permite.

Assim, Fabiano torna-se uma vítima recorrente da imposição dos mais fortes socialmente, buscando censurar os pensamentos que podem ser inconvenientes, pois, conforme afirma Orlandi (2007), “a censura estabelece um jogo de relações de força pelo qual ela configura, de forma localizada, o que, do dizível, *não* deve (não pode) ser dito quando o sujeito fala” (ORLANDI, 2007, p. 77). Como uma força que oprime e reprime, a censura manipula relações de configuração dos dizeres. Estas configurações são responsáveis por controlar a fala dos que são menos privilegiados no meio social, como é o caso de Fabiano. A

intensão da censura é impedir que algo que não deve e não possa ser dito seja expresso pelo sujeito. Deste modo, o silêncio se torna mais confortável para o vaqueiro. Se não lhe é permitido expressar o que pensa, de maneira que possa desagradar aos dominantes, colocar-se em silêncio é mais conveniente para Fabiano, já que ele não pode, não lhe é dado o direito de dizer o que deveria dizer. Compete apenas ao vaqueiro trabalhar duro feito um bicho, como ele se considerava, sem lhe ser concedido nenhum direito de reclamar. A vida da personagem configura-se dessa maneira, porque, de acordo com Teixeira (2010):

A exploração do homem, dessa maneira, está alicerçada no arrancar-lhe a palavra, torná-lo “mudo” é o meio mais eficaz de reduzi-lo a nada, o que facilita o mando. Ao impedir o exercício da palavra do outro, impede-se a possibilidade de almejar um destino diferente. A aceitação da realidade cruel e da dominação torna-se mais fácil, até mesmo pacífica (TEIXEIRA, 2010, p. 25).

Vítima de exploração, Fabiano estava condenado a tornar-se mudo, a ser silenciado pelo meio que o dominava, porque sem palavras que lhe permitissem usar de argumentos, seria mais fácil reduzi-lo à uma pessoa insignificante, torná-lo um nada para o contexto de dominação, porque favorece o controle e o manejo a ser exercido sobre este sujeito. A personagem, impedido de exercer o pouco que sabe sobre as palavras, acaba por se acomodar à vida que tem e não consegue vislumbrar uma maneira de se libertar das amarras da dominação social, pois se conforma ao ter que viver assim e entende que não possui outra maneira de vida possível para ele e sua família. Aceitar essa realidade é facilitar a sua dominação, mas também resistir, o que piora ainda mais a situação, porque é uma aceitação resistente, uma ação da mais ativa, mesmo que internamente. Somente o inconformismo liberta o sujeito da manipulação social que lhe é imposta.

Quando a seca ameaçou mais uma vez, Fabiano e sua família não tiveram chance, precisaram retomar a vida andarilha e sair, mais uma vez, como retirante. Mas, o vaqueiro não queria aquela situação novamente, sua família estava instalada, viviam bem na medida do possível e, assim, “resistia, pedindo a Deus um milagre” (RAMOS, 1998, p. 116). Precisava ter esperança, era através dela que conseguiam manter-se resistindo, tentavam acreditar que estavam enganados, precisam acreditar que a seca não chegava novamente. Porém, sobreviver na fazenda já estava ficando difícil e quando esta:

Se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinheiro que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquele

dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como um negro fugido (RAMOS, 1998, p. 116).

Bem como a fazenda não possuía mais vida, não havia mais condições para continuar lá. A única escolha era suprir-se de alimento com o animal que lhe restavam e seguir a viagem dos retirantes. Não havia tempo e nem motivos para se despedirem. Se fosse falar com o proprietário, seria obrigado a pagar o que devia, atitude impossível naquele momento, fundada em desigualdades, a dívida era enorme e não poderia ser liquidada. O mundo agora era a casa da família de retirantes. Somente neste último capítulo da obra, quando a família de Fabiano precisa sair em fugindo da seca que se anuncia novamente e na esperança de viver dias melhores é que o silêncio gritante habitual da família se interrompe. Assim, as conversas constituídas de poucas palavras dão lugar a momentos de forte diálogo, juntando as vozes da família que, a partir de então, acredita no sonho e na esperança de mudar de vida, seguindo em frente para um novo lugar, onde possam viver sem a opressão social arraigada pelo poder.

Portanto, durante mais esta retirada, Fabiano e Sinhá Vitória ousaram conversar sobre a incerta de seus futuros e se lhe ficava apenas a saída de voltar a ser o que já haviam sido. De início, o patriarca “hesitou, resmungou, como fazia sempre que lhe dirigiam palavras incompreensíveis. Mas achou bom que sinhá Vitória tivesse puxado conversa” (RAMOS, 1998, p. 119). O vaqueiro refletiu que haviam mudado um pouco, estavam mais velhos e menos fortes, que não seria bom retornar ao que tinham vivido. Nesta conversa, Fabiano permite-se ter esperança, sentir-se otimista e “desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem” (RAMOS, 1998, p. 122). Desejava que eles tivessem um bom destino, que seguissem suas vidas diferentemente de como estava sendo a vida de seus pais, mostrando mais uma vez como Fabiano desejava resistir àquela vida, de maneira a tentar quebrar o ciclo de sofrimento ao sertanejo retirante.

Sonhavam em chegar à uma cidade grande, encontrar um bom sítio pequeno, para que pudessem cultivar um pedaço de terra e viverem por conta própria, livre das amarras da submissão que os oprimiam. Era o desejo de uma vida menos dura e menos cruel. Queriam que seus filhos frequentassem uma escola para que, como eles, não fossem acanhados com as palavras e a comunicação. Estudariam para que pudessem apropriar-se das palavras e saber usá-las para se defenderem dos favorecidos no meio social que tentarem, um dia, dominá-los e diminuí-los em sujeitos sem significação e, assim, estariam “aprendendo coisas difíceis e necessárias” (RAMOS, 1998, p. 126), pois somente o conhecimento liberta. Dominar a palavra não é fácil, é preciso muito esforço para conseguir conciliar, satisfatoriamente, pensamento e fala. Uma pessoa capaz de pensar por si mesma é mais resistente à imposição

de ambições alheias, pois, o ser humano é capaz de se defender não apenas com ações e imposições, mas, também, com a linguagem.

Assim, não seriam vítimas desta sociedade que oprime os mais fracos, que designa para estes a propriedade do silêncio. Instalados nesta cidade, viveriam bem e em paz, sabedores de que “o sertão continuaria a mandar gente pra lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos” (RAMOS, 1998, p. 126). Tudo isto foi conversado no fervor da caminhada, momento entre a família, em toda a obra, que a conversa flui facilmente e as personagens se permitem sonhar e manter a esperança de chegar a uma civilização mais justa, almejando uma vida menos sofrida, estabelecendo o sonho como uma nova forma de linguagem entre a família. A caminhada que seguiam para fugir das consequências da seca serviu também como libertação do meio social injusto e desigual no qual viviam. Era hora de mudar de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho buscou analisar a personagem Fabiano, da obra *Vidas secas*, escrita por Graciliano Ramos, com o intuito de mostrar o quanto uma sociedade oportunista e opressora pode gerar consequência na vida de uma pessoa. O meio social no qual o vaqueiro está inserido atua como subordinativa, quando as pessoas que detêm maior poder aquisitivo podem controlar a maneira de agir dos sujeitos menos favorecidos.

Escrita na década de trinta, inserida em uma fase que ficou conhecida como regionalista na literatura brasileira, *Vidas secas*, retrata de maneira emocionante a vida da personagem Fabiano e sua família, que, no início da obra, enfrentam as dificuldades da terra nordestina sertaneja ao sair como retirantes, em busca de sobrevivência durante os martírios de uma grande seca. Graciliano Ramos escreve fazendo uso de uma linguagem simples e regional, de forma a aproximar ainda mais o leitor daquela realidade cruel pela qual as personagens precisavam passar.

Com o prosseguimento da obra, Fabiano e sua família, durante o percurso que seguiam, encontram uma fazenda aparentemente abandonada, na qual decidem ficar. Porém, logo aparece o proprietário da terra, mas este permite que os retirantes permaneçam por lá trabalhando e a moradia em troca de serviços prestados. Assim, Fabiano passa a ser o vaqueiro da fazenda e sua família pode ter um lugar para morar. Foi, a partir de então, que pudemos ir percebendo o quanto o meio social foi oprimindo o vaqueiro, restringindo ainda mais o uso das palavras pela personagem.

Dessa forma, Fabiano vai se mostrando um homem de pouca intimidade com as palavras e de difícil contato com as outras pessoas. Não conseguir falar adequadamente em algumas situações deixa o vaqueiro desconfortável em frente de indivíduos que bem se pronunciam, deixando-o intimidado. Assim, Fabiano mostra preferir conviver com os animais da fazenda, com eles desenvolve uma linguagem efetiva através de monossílabos e onomatopeias, na qual conseguiam se entender. O ambiente da fazenda não representava para ele um problema, lá se sentia a vontade e confortável. A dificuldade só surgia na hora de falar com as pessoas que precisava conviver. Nas tentativas de utilizar a sua linguagem limitada e monossilábica com as pessoas, não obteve o mesmo sucesso.

Como, na sociedade em que vivemos atualmente, domínio da palavra como artifício da linguagem é sinônimo de obtenção de poder sobre as pessoas que não possuem esta propriedade, o patrão de Fabiano, proprietário da fazenda, é quem delimita acentuadamente a questão da opressão social, que deseja o silenciamento da personagem, de maneira que uma

pessoa calada e sem argumentos é mais fácil de ser manipulada e conduzida conforme vontade de quem busca dominar. E alguns momentos da obra nos permitiram consolidar este pensamento, como o momento em que Fabiano fala sobre as visitas do patrão à fazenda.

O patrão quase nunca visitava a fazenda, mas, quando resolvia fazer isto, encontrava a fazenda em perfeito estado, muito bem cuidada por Fabiano, assim como também os animais, que aumentava em número rapidamente. Entretanto, o que o patrão fazia era reclamar dos serviços, mesmo sem ter um motivo aparente para isso. Fabiano não se sentia bem nessa situação, mas sabia quem mandava ali e não lhe restava outra escolha a não ser prometer que se esforçaria para mudar. Em seu inconsciente, dotado de razão, o vaqueiro jurava não modificar nada, pois sabia que os assuntos da fazenda se encaminhavam muito bem.

Além disso, se viu também que, como o salário que Fabiano recebia era baixíssimo, injusto diante dos serviços que prestava, o vaqueiro acabou se endividando com o chefe. Dessa forma, a personagem nunca conseguia se livrar de sua dívida e sempre acabava recebendo cada vez menos, o que o patrão justificava como desconto dos juros. Fabiano tinha consciência de que estava sendo enganado, Sinhá Vitória, sua esposa, com o pouco conhecimento que tinha, fazia cálculos com sementes e estes nunca coincidiam com os do patrão. Ciente de sua posição social e econômica, o vaqueiro não reclamava pelos seus direitos. Permitia-se ser vítima da enrolação de seu patrão, pois nada do que tentasse dizer teria valor diante da palavra do seu amo.

Portanto, observou-se que Fabiano e sua família são usados pela censura social, pois, deles são retirando o direito de falar. Este silenciamento ocorre como método de mantêm em direito o que privilegia os mais abastados da sociedade. Assim, a intenção é tirar a voz de quem não tem importância, para não correr o risco de que algo que não deve ser dito seja colocado em questão. O vaqueiro não pode dizer que está sendo roubado pelo patrão, isso não soa agradável ao meio social. E, para que isto não fosse dito, tratou-se de cada vez mais retirar de Fabiano a sua autonomia linguística.

Dessa forma, deseja-se que a pesquisa possa favorecer novas análises e estudos na área da literatura brasileira regionalista, que trata de uma realidade sofrida do povo nordestino diante da devastação da seca, como também da escrita inconfundível de Graciliano Ramos, que nos possibilita adentrar na narração dos fatos de maneira tão emocionante e, especialmente, que a obra *Vidas secas*, tão atemporal e contemporânea, seja uma fonte inesgotável para pesquisa, ao tratar de um tema tão relevante, ao mostrar como uma sociedade opressora pode gerar consequências para o resto da vida em algumas pessoas, tornando-as sujeitos passivos, subordinados e sem autonomia.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Socorro. **Vidas secas e seu lugar nos romances dos anos 1930**. Suplemento Pernambuco, 2018. Disponível em: <https://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/2158-vidas-secas-e-seu-lugar-nos-romances-dos-anos-1930.html>. Acesso em: 27 de novembro de 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**; tradução Maria Helena Kühner. – 11ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Duas Cidades, 1987.
- HOLANDA, Lourival. **Sob o signo do silêncio: Vidas secas e O estrangeiro** / Lourival Holanda – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992 – (Criação e Crítica; v. 8)
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. – 6ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**; posfácio de Álvaro Lins, ilustrações de Aldemir Martins. – 73ª ed. – Rio, São Paulo: Record, 1998.
- RAMOS, Málder Dias. **O silêncio em Vidas secas**. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística. Uberlândia, 2009.
- TEIXEIRA, Glauciane Reis. **O desvelar do silêncio em Coivara de memória, de Francisco Dantas**. Porto Alegre: Universidade do Rio Grande do Sul. 2010.